



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS**

MÔNICA ALMEIDA DO NASCIMENTO

Orientadora: MARCIA PARAQUETT

Anoma, de Punyakante Wijenaïke:
Uma análise da violência retratada no conto.

Salvador
2021

RESUMO

Os diversos tipos de violência que permeiam o conto *Anoma* de Punyakante Wijenaike permitem compreender a violência de gênero, ao retratar mulheres vítimas de um sistema que reproduz comportamentos machistas e que nesse contexto culminou com o isolamento social vivenciado pela personagem que não tem a quem recorrer. A menina abandona os estudos, assume responsabilidades que até então não eram suas, uma vez que sua mãe a deixou tomando conta da família, assumindo os cuidados com a casa, com seu pai e com seu irmão de onze anos, porque precisou viajar para outra cidade em busca de dinheiro, mostrando assim a desestabilidade sofrida pelas mulheres que precisam deixar suas famílias para conseguirem o sustento financeiro. As consequências causadas por essa ausência demonstram de que maneira a ficção implícita no conto deixa explícitos os problemas socioculturais vividos pela personagem. A adolescente passa a sofrer violência física e psicológica, pois é abusada sexualmente pelo pai, sentindo-se culpada, não entendendo as mudanças no seu corpo e por que estaria passando por aquela situação. Dessa maneira, confusa e envergonhada, vive o conflito sobre o aborto. Assim sendo, se buscou nesse trabalho ampliar a visibilidade para o conteúdo veiculado nesta obra literária, procurando dissolver os tabus, encorajar pessoas que passam por essas situações e abrir a percepção dos que convivem ao redor, além da compreensão e conhecimento de casos de violência vividos em outras línguas e culturas.

Palavras-chave: Sri Lanka; violência de gênero; incesto.

ABSTRACT

The different types of violence that permeate the short story *Anoma* by Punyakante Wijenaike allow to understand gender violence, by portraying women victims of a system that reproduces male chauvinist behaviors and which in this context culminated in the social isolation experienced by the character who has no one to turn to. As her mother goes away to another city in search of money, the girl leaves school, takes on responsibilities that were not hers until then, like taking care of her father, her eleven-year-old brother and their home, thus showing the instability suffered by women who need to leave their families to earn financial support. The consequences caused by this absence demonstrate how the fiction implicit in the short story makes explicit the sociocultural problems experienced by the character. The teenager starts to suffer physical and psychological violence, because she is sexually abused by her father and starts to feel guilty. She does not understand the changes in her body and why she is going through this situation. In this way, confused and ashamed, she lives the conflict over abortion. The aim of this work is to give visibility to the content conveyed in this literary work, trying to dissolve taboos, encourage people who go through these situations and open up the perception of those who live around, in addition to the understanding and knowledge of cases of violence experienced in other languages and cultures.

Key words: Sri Lanka; gender violence; incest.

RESUMEN

Los diferentes tipos de violencia que impregnan el cuento *Anoma* de Punyakante Wijenaiké nos permiten entender la violencia de género, al retratar a mujeres víctimas de un sistema que reproduce comportamientos sexistas y que en este contexto culminó con el aislamiento social que vive el personaje que no tiene a quien recurrir. La niña abandona la escuela, asume responsabilidades que hasta entonces no eran suyas, pues su madre la dejó para cuidar a la casa, a su padre y a su hermano de once años y se fue a otra ciudad en busca de dinero, mostrando así la inestabilidad que sufren las mujeres que necesitan dejar a sus familias para ganarse el sustento económico. Las consecuencias de esa ausencia demuestran cómo la ficción implícita en el cuento hace explícitos los problemas socioculturales vividos por el personaje. La adolescente comienza a sufrir violencia física y psicológica, pues es abusada sexualmente por su padre y comienza a sentirse culpable, no comprende los cambios en su cuerpo y por qué está pasando por aquella situación. De esta manera, confundida y avergonzada, vive el conflicto sobre el aborto. Así, este trabajo buscó dar visibilidad al contenido que se transmite en la obra literaria, buscando disolver los tabúes, incentivar a las personas que atraviesan estas situaciones y abrir la percepción de los que viven alrededor, además de la comprensión y conocimiento de casos de violencia vividos en otros idiomas y culturas.

Palabras clave: Sri Lanka; violencia de género; incesto.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me permitiu com sua imensa bondade chegar até aqui.

À minha mãe e meu pai pelo apoio, pois apesar de não terem uma formação acadêmica, nunca me fecharam as portas do conhecimento.

À professora Marcia Paraquett, pela determinação e por me acompanhar nesse fechamento de ciclo, exercendo a empatia e acreditando na capacidade dos seus alunos, muitas vezes, mais do que nós mesmos!

À instituição UFBA em todas as suas vertentes, incluindo o SMURB pelo acolhimento que oferece à sua comunidade.

A todas as professoras e professores que contribuíram nessa jornada de aprendizado, provando que o acesso ao ensino é direito de todos.

A Mirvania, Otto, meus familiares e amigos por todo incentivo, assistência e inspiração!

“Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender?

Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não tinha.”

(Rupi Kaur)

Dedico esse TCC a memória de

Aline Barreto

SUMÁRIO

1 O TRABALHO E O CONTO	6
2 O CONTO COMO GÊNERO LITERÁRIO	11
2.1 PUNYAKANTE WIJENAIKE	13
2.2 SRI LANKA	17
3 A VIOLÊNCIA EM <i>ANOMA</i>	21
4 CONCLUSÃO	23
5 REFERÊNCIAS	25

1. O TRABALHO E O CONTO

O presente trabalho propõe-se à análise de como a violência de gênero, diante de um contexto político de conflitos sociais está representada no conto *Anoma*, de Punyakante Wijenaike, escritora de Língua Inglesa, nascida em Colombo, em 1933, no Sri Lanka. Conhecida por sua escrita simples, porém impactante, a autora é ganhadora de diversos prêmios e, nesse conto, busca, com a narrativa de uma menina adolescente, retratar temas como o abuso sexual, incesto e aborto, tabus no seu país.

A obra explora os conflitos sobre vergonha e culpa na visão de uma menina, vítima de uma cultura patriarcal e machista, que não é considerada mais uma criança e, ao mesmo tempo, ainda não é uma mulher, pois, aos quatorze anos, sofre incesto e engravida de seu próprio pai. Sua mãe a deixou tomando conta da família, seu pai e seu irmão de onze anos, pois foi para outra cidade em busca de dinheiro. A adolescente então passa a questionar a ideia de que o nascimento do filho causará sua morte moral, ficando explícita a situação, quando ela se mostra assustada por estar grávida de seu pai, sentindo-se culpada por não ter cuidado da família, como sua mãe lhe havia pedido, no mesmo momento em que relembra os cuidados dela e como a mesma zelava por sua castidade, mostrando assim a desestabilidade sofrida pelas mulheres que precisavam deixar suas famílias para conseguirem o sustento financeiro.

A menina, algumas vezes, demonstra ter deixado de ser uma criança, pensando mais sobre o futuro, pois, dadas as circunstâncias, ela é forçada a desenvolver uma maturidade antes do que deveria, sentindo-se despreparada para enfrentar os desafios que estão por vir, preocupada com o que as outras pessoas irão pensar ao descobrirem o que aconteceu e como aconteceu.

No trecho “lembro-me de mamãe antes de ela ir embora. Costumava pentear meu cabelo, lavar meu rosto...” (WIJENAIKE, 2015, p. 40), é possível perceber que, não há muito tempo, ela recebeu os cuidados de sua mãe, mostrando que ela não está pronta para ser uma mulher independente, capaz de criar uma criança, cuidar de uma família. Por outro lado, ela parece demonstrar entendimento sobre o que lhe aconteceu,

quando diz: “Você é filha dele, não minha! Preciso me tornar mulher e carregar o meu próprio filho, gerado por um homem que não seja o meu pai.” (WIJENAIKE, 2015, p. 43).

A conexão entre a menina-mãe e a criança é tão intensa que ela resolve nomeá-la *Anoma*, para assim poder dialogar com o feto, dizendo-lhe: “você ainda é um embrião, protegido pela natureza dos perigos daqui de fora” ou “você não será incomodada pelos meus próprios pesadelos” e ainda, “se você nascer, eu vou morrer... De vergonha.” (WIJENAIKE, 2015, p.39;43). Ela não tem com quem conversar, por se sentir culpada e envergonhada pelo que tem passado, então encontra dentro de seu ventre, uma confidente.

Ao que tudo indica, a autora Wijenaike faz uma denúncia social ao abordar dentro de sua cultura no Sri Lanka, os sentimentos vividos pela personagem e que podem refletir o abuso sofrido por várias crianças e adolescentes em seu país e no mundo.

O objeto desse estudo está baseado na tradução que se encontra no livro “Vozes da Memória”, audiolivro, o qual apresenta diversos contos traduzidos do Inglês e do alemão para o português, trabalho realizado por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM), da Universidade Federal da Bahia, coordenado pela Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio e tendo como vice-coordenadora a Profa. Dra. Marlene Holzhausen, organizadoras do referido áudio livro.

Por ser *Anoma* um conto com uma narrativa de relevância social, em se tratando de abuso sexual, incesto e aborto, que além das consequências físicas também resultam em sequelas psicológicas para quem os sofre, as contribuições que este trabalho pode trazer são de proporcionar a abertura de diálogos e debates a respeito do uso dessas questões, pretendendo identificar os problemas vividos pela personagem diante de um contexto social que traga à luz a violência de gênero.

Através do discurso literário, a narrativa desencadeia uma série de reflexões sobre problemas de gênero vividos em nossas sociedades, confundindo ficção e

realidade social, a fim de ampliar os conhecimentos referentes ao tema e atrair um olhar mais subjetivo para a realidade apesar de ficcional. Ao que se pode observar, parece ser a proposta de Punyakante, explicitar situações socioculturais em seu país.

Djamila Ribeiro em *O que é lugar de fala?* (2017 p.21) considera que:

Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem.

A observação de Djamila me levou a fazer uma conexão com o conto de Punyakante, *Anoma*, pois nele, a autora apresenta características de sentimentos perturbadores vividos pela adolescente em uma situação de vulnerabilidade, pois se trata do abuso sexual do pai, figura familiar e de autoridade sobre a vida da filha, que se sente não na obrigação de ter relações sexuais com ele, mas de acatar as ordens impostas ainda que essas lhe tragam sofrimento físico e psicológico.

Citando Simone de Beauvoir, Djamila Ribeiro (2017, p.21) também considera que:

Segundo o diagnóstico de Beauvoir, a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má-fé dos homens que as veem e as querem como um objeto. A intelectual francesa mostra, em seu percurso filosófico sobre a categoria de gênero, que a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar este que a confina num papel de submissão que comporta significações hierarquizadas.

Embora Djamila Ribeiro seja uma pesquisadora que fala como uma mulher negra, o seu texto é importante para minha pesquisa, pois ainda que Punyakante seja do Sri Lanka, as dificuldades pelas quais as duas provavelmente passaram no que diz respeito à escrita feminina, permitem aproximações. Além disso, o contexto social, a partir do qual Ribeiro se expressa, se aproxima do meu, permitindo-me mais afinidade com o expressado por ela.

Dessa forma é concebível projetar um paralelo entre culturas que apesar de distintas em diversos aspectos, se abrem para conscientização de um tema bastante relevante e são alvos de sociedades discriminatórias e excludentes.

Grada Kilomba em *Descolonizando o conhecimento*¹ aborda:

Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas e que “deveriam” ser mantidas "em silêncio como segredos. (2016, p.2)

Não diferente disso, a personagem do conto *Anoma* sofre por se sentir silenciada, mesmo após ser sexualmente abusada por seu pai. A sua fala passa então a ser transmitida através de um diálogo imaginário entre a menina e o embrião que até então ela acredita carregar em seu ventre. “Você é a única pessoa com quem posso conversar, Anoma. Eu preciso falar com alguém. Sinto-me doente e fico com medo o tempo todo.” (WIJENAIKE, 2015, p.40). Assim ela consegue expressar de alguma maneira, sua necessidade de falar, no entanto, manter a sua dor em silêncio parece ser a melhor forma de esconder tal situação.

“Falar torna-se, então, praticamente impossível. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes têm sido constantemente silenciadas através de um sistema racista.”, como nos diz Grada Kilomba (2016, p.2). Nessa referência, a autora nos mostra que o silenciamento está posto diante das minorias, uma vez que o “outro” segundo ela, maioria colonizadora, não está disposto a ouvir.

Partindo desse pressuposto, a personagem podia prever a rejeição das pessoas ao saberem a sua condição, grávida do próprio pai, que provavelmente não seria culpado por esse abuso. Logo temia ser subjugada a assumir a responsabilidade caso a criança venha a nascer, então silenciar passa a ser uma forma encontrada pela menina de não passar por retaliação, no entanto, o silêncio começa a construir uma narrativa entre a menina e seus pensamentos.

Diante desse cenário, Punyakante pode conectar o mundo externo com a realidade vivida por mulheres que têm suas vozes silenciadas diante de uma cultura

¹ Trata-se de uma Palestra-Performance de Grada Kilomba, traduzida por Jessica Oliveira e proferida numa visita que a autora fez a São Paulo em 2016, quando participou da Mostra Internacional de Teatro (MITsp) e do Massa Revoltante, projeto que faz parte dos Episódios do Sul (Goethe-Institut). Retirado de <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>, com acesso em 13 de set. de 2021.

patriarcal, uma vez que se trata de uma autora consagrada por trazer situações impactantes, como as citadas no conto, de maneira simples, visto que é possível enxergar como a violência de gênero é retratada. É concebível identificar nas falas da personagem o sentimento de repulsa pelo pai, a responsabilidade de cuidar da casa e do irmão, além do medo que sente de que a mãe ao retornar da sua busca por dinheiro, a encontre grávida e a mesma sintasse traída.

Pode-se considerar então que a escritora Punyakante usa seu lugar de fala para trazer à tona, situações cotidianas do Sri Lanka e através delas enfatizar uma denúncia política contra a violência que vitimiza mulheres, adolescentes e crianças. A temática se refere à problemática de mulheres que são obrigadas a construir sua sobrevivência e de sua família, principalmente dos filhos, a partir da migração para outros países, conforme podemos ler no artigo *Feminização das migrações?* de Roberto Marinucci (2007, p. 08):

Neste contexto, fala-se em *feminization of work* ou proletarização das mulheres para designar o aumento, em nível internacional, da inserção feminina no mercado de trabalho. Essa é uma realidade muito evidente na Ásia Oriental onde, todo ano, milhares de mulheres saem do Sri Lanka, Filipinas, Indonésia e Tailândia para trabalhar em Hong Kong, Malásia, Singapura ou Oriente Médio.

É possível analisar em *Anoma* a luta interna de repúdio, de um conflito colocado na escrita da autora sobre a aflição sofrida pela personagem, esta, indefesa, mas consciente da dor que lhe ocorre, causada por quem hipoteticamente deveria cuidá-la.

Talvez Punyakante busque com esse conto libertar essas mulheres para o mundo, que as veem como parte de uma cultura patriarcal capaz de fazer com que uma mãe precise deixar sua filha para prover o seu sustento, mesmo sabendo da violência psicológica e física que causará a essa menina, a transformando em uma adulta precoce. Adulta essa, construída na dor inocente, ainda sem entender o que esse presente representará para o seu futuro. Observemos o que o autor continua a expor:

Além disso, como já vimos, a migração de mães tem provocado a formação das assim chamadas famílias transnacionais, em que a mulher perde o direito de cuidar diretamente dos próprios filhos, mantendo com eles relações “à distância”, através de envio de remessas, contatos esporádicos e acordos pré-estabelecidos. A distância da mãe pode gerar graves problemas nas famílias. Segundo a OIT, por exemplo, há muitos casos no Sri Lanka em que *los hijos*

de mujeres emigrantes abandonan la escuela o están expuestos al descuido y a abusos, incluido el incesto. (MARINUCCI, 2007, p.13)

Como se pode observar, na passagem seguinte: “Tenho quatorze anos e sinto falta da minha mãe. Por que ela teve que ir embora? Foi atrás de um pote de ouro para nós. Será que o dinheiro era mais importante do que ficarmos juntas?” (WIJENAIKE, 2015, p.40), é possível confirmar a condição apresentada pela personagem diante da temática do conto em relação ao contexto social das mulheres no Sri Lanka. Pensemos então nas mulheres que lutam por uma mudança dessa realidade.

Feitas essas reflexões, passemos ao item seguinte, quando teremos a oportunidade de refletir sobre o conto como gênero literário, além de conhecer particulares da autora e de seu país.

2. O CONTO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Visto num sentido amplo, o conto é um gênero literário com uma narrativa curta que cria um universo de seres, de fantasia ou acontecimentos. Assim como em outros textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, enredo concentrado no conflito, objetividade de ação, espaço e tempo. Como se vê, os contos sempre são ficções, ou seja, contam histórias inventadas por seus autores. No entanto, autoras como Cândida Vilares Gancho discutem esse tipo de relato de maneira mais complexa. De acordo com a autora em *Como analisar narrativas* (1995, p.06):

Conto é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo.

Seria então o conto, um texto capaz de gerar através da ficção uma motivação e a compreensão de fatos que levem o leitor/a a acreditar que tudo que é narrado pode ser verdade.

A autora Nádia Battela Gotlib em *Teoria do Conto* discorre sobre vários elementos, estilos e técnicas, apresentando diante das estruturas dos contos, maneiras de classificá-los para que seja possível estabelecer uma teoria.

Sobre a intenção do/a autor/a em construir a narrativa quanto à sua intensidade (1990, p. 20), ela cita:

O fato é que a elaboração do conto, segundo Poe, é produto também de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos. O conto, como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta intenção: a conquista do efeito único, ou impressão total. Tudo provém de minucioso cálculo.

É possível observar em *Anoma*, que o enredo está elencado em situações vividas pela personagem, narradas por ela e que se inicia com a sua convivência em família, mostrando o quanto sua mãe a cercava de cuidados excessivos, visando sua integridade física. Em um segundo momento esses cuidados são deixados de lado de maneira abrupta, com a justificativa da busca pela sobrevivência, culminando em um isolamento inesperado pela adolescente, da sociedade, gerando violência sexual e psicológica, partindo de um ente, seu pai, que deveria ser um cuidador, mas que passa a ser um vilão. Esse acontecimento causa tamanho conflito e angústia na menina que ao se imaginar solitária, passa a dialogar com o feto que acredita gerar, como se o mesmo pudesse escutá-la. O conto tenta encerrar a narrativa, gerando uma dúvida na personagem, sobre continuar viva ou morrer, mesmo que esse sentimento pareça ser inconclusivo.

Diante dessa descrição é cabível compreender Punyakante quando ela expõe o seu processo de escrita:

A melhor maneira de entrar no coração de um conto é contá-lo através dos olhos e ouvidos do personagem principal. É claro que você pode escrever uma história através dos olhos e ouvidos de um segundo personagem ou simplesmente deixar a história passar por eventos que estão ocorrendo através dos olhos e ouvidos do próprio escritor.²

Nesse sentido, Punyakante produz uma literatura que se transforma em um alerta para acontecimentos sociais, em sua maioria renegados.

² Tradução minha do original: Retirado de https://www.sundaytimes.lk/110619/Plus/plus_14.html, em 17 de set. de 2021.

Feitas essas discussões, trago algumas características da autora do conto.

2.1 PUNYAKANTE WIJENAIKE

Punyakante Wijenaike nasceu em Colombo, no Sri Lanka, em 1933 onde viveu a maior parte da sua vida e teve uma grande carreira como escritora. De acordo com o texto retirado do módulo da disciplina *LET A90 - O Conto de Língua Inglesa*, 2014.1. (Moodle UFBA. 2014, p.79):

O crítico Alastair Niven, a considera como ‘uma das mais subestimadas escritoras de ficção da atualidade nos trabalhos da língua inglesa’, embora seus trabalhos de ficção tenham sido ensinados em cursos de universidades na Grã-Bretanha, Austrália e em outros lugares.³

Ainda de acordo com o texto citado, o conto *Anoma*, objeto deste estudo, foi publicado originalmente em *Commonwealth currents* em 1996.



Figura 1 - Punyakante Wijenaike, c/o The Sunday Observer

³ Tradução minha do original: Critic Alastair Niven has called her “one of the most underestimated fiction writers currently at work in the English language,” though her fiction has been taught in university courses in Britain, Australia, and elsewhere.

⁴ Retirado de <https://srilankanwriters.wordpress.com/2018/01/06/punyakante-wijenaike/>, em 20 de out. de 2021.

"Ela é filha de Justin Kotalawela, empresário e senador por Colombo e de sua esposa Millicent da Silva. Seu irmão é Deshamanya Lalith Kotelawala. Passou grande parte da sua vida em Colombo, onde publicou todas as suas obras."⁵

Em *Why I Write* (1994)⁶, Punyakante conta que na sua infância, por ela se considerar uma criança introvertida e não conseguir expressar seus sentimentos e emoções conversando diretamente com as pessoas, percebeu que a melhor forma que poderia usar para se expressar seria escrevendo. Antes disso, ela já usava suas bonecas como personagens, dando-lhes personalidade e fala em situações como gostaria que acontecessem, divertindo assim seus irmãos mais novos. Logo em seguida começou a atuar junto com seus primos, usando fantasias e apresentando peças para seus familiares. Assim que começou a ler, sentiu que um mundo se abriu à sua volta, apesar de relatar que sua avó não achava nada válido nem tanta leitura nem as suas invenções.

Aos poucos começou a escrever em seu diário os seus pensamentos, momentos felizes, sentimentos e medos. Quando precisava falar sobre algo sério com seus pais, ela escrevia, foi então que seu pai a questionou por que ela não começava a criar histórias. Apesar de tal incentivo foi só após o seu casamento que começou a escrever as histórias, que em princípio eram apenas para quebrar a rotina de dona de casa e da educação das crianças. Assim ela encontrou uma forma de sair da sua realidade diária, foi então que descobriu se desenvolvendo como pessoa, saindo então de um mundo estreito e de fantasias para realidade ou um pouco dos dois. Ela escrevia sobre o dia a dia, sobre as pessoas que moram na zona rural e também na cidade. Pegava um personagem ou situação e criava sua própria interpretação, em princípio não para mudar as pessoas ou a sociedade, mas como um processo criativo, pois segundo ela cada ser humano já vem provido de coisas boas e ruins. Dessa forma, passou então a escrever não só por prazer, mas como um modo de vida, como trabalho, pois demandou mais histórias para televisão e livros, se tornando a escrita uma parte dela.

⁵ Tradução minha do original: Retirado de https://en.wikipedia.org/wiki/Punyakante_Wijenaik, em 20 de out.de 2021.

⁶ Tradução minha do original: Retirado de Wijenaik, Punyakante, *Why I Write*, Kunapipi, 16(1), 1994. Available at: <https://ro.uow.edu.au/kunapipi/vol16/iss1/48>, com acesso em 16 de set.de 2021.

Conforme o texto pesquisado⁷, “Punyakante tem sete livros publicados, centenas de histórias em jornais tanto no Sri Lanka quanto no exterior. Ganhou o prêmio do governo do seu país, chamado Kara Suri, no meio das artes criativas.” Segundo ela a verdadeira recompensa pelo seu trabalho não vem pelo dinheiro e sim pela aceitação e enriquecimento pessoal por escrever sobre situações e pessoas pelas quais ela sente compaixão.

Em *Sri Lankan Women Writers*⁸ (s/d, p.21) é apontado que:

A escrita feminina não floresceu no Sri Lanka devido a muitas razões, mas ao longo das últimas três décadas, apesar do contexto turbulento, houve um ressurgimento de escritoras e uma nova onda de autoras se tornou visível tentando esculpir seu nicho no mundo da escrita em inglês, muitas das quais têm sido muito bem-sucedidas.

É provável que por todo contexto vivido por Wijenaike durante a independência de seu país e os conflitos que levaria a eclosão de uma guerra civil, a fez usar como bagagem para tantas criações literárias, não sendo diferente com o conto *Anoma*. Pensar que sua sensibilidade para escrita veio da força em denunciar a situação de exclusão de direitos a que muitas mulheres foram submetidas nesse período, também direciona tal análise.

Ainda conforme o texto (s/d, p.4) é evidente que:

A condição política instável do Sri Lanka, resultando em guerras civis e suas conseqüências, constitui o tema do trabalho dessas escritoras. Questões como deslocamento, assassinatos de familiares e pessoas próximas, o sofrimento de pais que perderam seus filhos na guerra, encontram lugar em seus escritos.

É perceptível que a autora vai além, pois ela retrata não só a dor física pela qual a personagem teve que passar, como a dor psicológica do abandono, dos abusos, estruturando, por conseguinte, a dor intelectual, a partir do momento que a vida dessa

⁷ Referência igual à Nota 6.

⁸ Tradução minha do original: Retirado de http://epgp.inflibnet.ac.in/epgpdata/uploads/epgp_content/women_studies/gender_studies/02.women_and_literature/20_sri_lankan_women_writers/et/8031_et_et_20.pdf, com acesso em 16 de set. de 2021.

adolescente foi ceifada de conhecimento. *Anoma*, o embrião, parece ser o retrato do futuro de uma sociedade, crianças geradas abusivamente, mas que terão que sobreviver em sociedade. É flagrante como se sabe pouco sobre as circunstâncias em que vivem muitas mulheres submetidas às mais diversas formas de violência.

O texto ainda revela (s/d, p.4) que:

As mulheres são as que têm os piores sofrimentos de qualquer guerra e suas experiências também formam a base desse trabalho. Existem muitos outros problemas sociais específicos das mulheres, como migração feminina, abuso de drogas, uso de mulheres no negócio insidioso de armazenamento e distribuição de narcóticos, molestamento, abuso sexual de mulheres e crianças, casamentos fracassados e violência doméstica que são abordados por essas escritoras.

Em contrapartida é importante entender e desconstruir a ideia de que o outro é em sua essência ameaçador, que todos os homens apoiam a maneira patriarcal que ainda permeia muitas sociedades pelo mundo⁹, quando muitos deles, em sua maioria jovens, não têm o direito de pensar de maneira diferente. É possível olhar com distanciamento, desconstruir narrativas, com o intuito de compreender situações de conflitos pessoais dentro de contextos políticos tão radicais. Rediscutir o ensino desde a infância até a Universidade e após ela, pois o que temos hoje tende a parecer muito fragilizado, tanto por falta de políticas públicas que garantam o direito à educação, quanto pelo agravamento em relação à pandemia da Covid – 19 que além da evasão escolar física, mostrou precisar de uma tecnologia mais acessível às classes sociais menos favorecidas.

O texto acrescenta também (s/d, p.4 e 5) que:

Escritoras do Sri Lanka foram homenageadas com vários prêmios pelo mundo. Punyakante Wijenaiké escreveu '*Anoma*', que aborda o assunto do incesto e ganhou o Prêmio *Commonwealth* por contos de ficção em 1996, além disso, ela também ganhou o prestigioso Prêmio Anual *Gratiaen* por escrita criativa. O Prêmio *Gratiaen* é um famoso prêmio literário que leva o nome do avô do conhecido vencedor do prêmio *Booker* e autor canadense do Sri Lanka, Michael Ondaatjee. É

⁹ Essa análise partiu após assistir o vídeo *Sri Lanka Portugues*, retirado de <https://youtu.be/mTfLOVJzKk> com acesso em 17 de set. de 2021.

o prêmio literário de maior prestígio do Sri Lanka, concedido anualmente para o melhor trabalho em inglês escrito por um cingalês que mora no país. Wijenaike também foi homenageada por vários prêmios literários estaduais por sua ficção, sendo considerada uma das mais famosas romancistas e contistas contemporâneas de seu país.

É necessária uma recontextualização, um caminho entre a questão cultural e a desconstrução em nome da censura e liberdade de expressão humana, principalmente de mulheres que ainda hoje precisam provar que são capazes de mudar sua realidade. No Sri Lanka não é diferente de outros lugares no mundo, essa parece ser uma realidade, desde Punyakante e provavelmente antes dela.

Passemos, agora, a conhecer o Sri Lanka, ainda que rapidamente.

2.2 SRI LANKA

O Sri Lanka é um país insular, situado no oceano Índico ao sul da Índia, como demonstra o cartograma abaixo. Possui uma população de mais de vinte e um milhões de habitantes e sua capital é Colombo.

Figura 2 - Encyclopedia Britannica, Inc



Antigo Ceilão, já esteve sob o comando dos portugueses, mas em 1815 foi colonizado pelos Britânicos. A religião predominante é o budismo e a segunda, o hinduísmo. Após sua independência do Reino Unido em 1948, a nação sofreu por mais de trinta anos com conflitos de separação provocados pela etnia Tâmil sobre a etnia Cingalesa.¹¹

De acordo com Geraldine Rosas em *DIÁSPORA E CONFLITOS: um estudo de caso sobre os tâmeis do Sri Lanka* (2009 p.21):

Tâmeis e cingaleses, como demonstrado, compõem grupos étnicos distintos, sendo diferenciados por meio da língua, da religião, da cultura e das tradições. Salvo algumas exceções, os cingaleses falam o idioma cingalês e são budistas. Os tâmeis falam tâmil e crêem nos deuses hindus. Os grupos étnicos, geralmente, estão concentrados em determinadas regiões do país: tâmeis indianos e tâmeis do Sri Lanka na península de Jaffna e em distritos do norte e leste e cingaleses especialmente nos distritos do sul. A capital, Colombo, é composta por uma maioria cingalesa, embora também compreenda parcelas

¹⁰ Retirado de <https://escola.britannica.com.br/artigo/Sri-Lanka/482573>, com acesso em 05 de out. de 2021.

¹¹ Retirado de: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/21/sri-lanka-um-mosaico-etnico-e-religioso.ghtml>, com acesso em 01 de out. de 2021.

substanciais da população tâmil, muçulmana e *burgher* (STOKKE; RYNTVEIT, 2000; DEVOTA, 2005).

Um país de contrastes, que apresenta uma cultura riquíssima, diversas etnias e religiões, ao que se pode observar externamente, poderia conviver pacificamente com suas diversidades. É possível presenciar na foto abaixo, um grupo de tâmeis exercendo sua liberdade cultural nas ruas, durante um festival onde é perceptível a alegria e satisfação em demonstrar seus costumes.

Figura 3 - Pessoas da etnia tâmil dançam durante festival anual realizado no templo hindu de Venkatvar Sri Vishnu, em Colombo, no Sri Lanka. - Foto: Eranga Jayawardena/AP



12

No entanto, o que se observa na figura seguinte, são famílias que ainda choram seus mortos, após atentados a igrejas e hotéis em 2019, atribuídos e reivindicados pelo estado islâmico. “O objetivo da ação de domingo, dizia o comunicado, teria sido o de atingir cidadãos de países que fazem parte da coalizão internacional que hoje tenta derrotar com o grupo na Síria, bem como a comunidade cristã do país.”¹³

O que nos leva a refletir que talvez não haja um fim para a violência como reflexo da intolerância e do controle de poderes, não diferente do ocorrido durante a guerra civil vivida pelo país.

¹² Referência igual à Nota 11.

¹³ Retirado de <https://exame.com/mundo/autoridades-do-sri-lanka-acreditam-que-pode-haver-mais-ataques/>, com acesso em 20 de out. de 2021.

Figura 4 - Sri Lanka: uma família participa do funeral de uma das vítimas dos ataques (Carl Court/Getty Images)



14

No período entre 1983 e 2008 o país encontrava-se em estado de guerra, e os ataques de militares a civis acabaram gerando muita violência, deixando muitos mortos e deslocando refugiados para Índia e países do Ocidente.¹⁵

Antônio Sérgio Correia Mendonça, em seu trabalho intitulado *Distribuição do rendimento, pobreza e a eclosão de conflitos no contexto dos países em desenvolvimento: os casos do Sri Lanka e da R.D. Congo* (2005, p.153) argumenta:

Parece poder concluir-se assim que o conflito político no Sri Lanka apresenta fundamentos económicos, sociais e políticos, sendo um processo multidimensional. Entre as principais causas apontadas estão a discriminação económica e a desigualdade entre grupos sociais bem como a exclusão social de grupos populacionais. KORF e SILVA (2003, p. 4) sublinham a importância da exclusão de oportunidades de grupos populacionais, considerando a pobreza e as privações como fundamentais nesse processo de exclusão social. O conflito político acabou por resultar de um processo de exclusão social de grupos populacionais impedidos de participar na vida activa do seu país, quer do ponto de vista económico, quer político. A situação agrava-se até degenerar em guerra civil.

¹⁴ Referência igual à Nota 13.

¹⁵ Retirado de: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac_RosasGM_2.pdf, com acesso em 01 de out. de 2021.

Em meio a esse contexto histórico de conflitos, no ano de 1996, Punyakante Wijenaike, publica o conto *Anoma*. A autora parecia então perceber nas entrelinhas de uma guerra civil, a fragilidade que acometia principalmente as mulheres, uma vez que aborda nessa escrita, a maneira com que a mãe da personagem a deixa para conseguir dinheiro em outro país.

Geraldine Rosas¹⁶ (2009 p.41) relata que:

Devido aos diversos vínculos com o exterior, proporcionados pelo processo de colonização experimentado pelo país, a população do Sri Lanka apresenta uma longa tradição em emigrar, deixando a ilha por diversas razões. A elite social e econômica do país, por exemplo, possui uma forte tradição em deixar o território temporariamente, motivada por questões como educação e trabalho. Membros de outras classes sociais, nos anos mais recentes, deixaram a região também em busca de oportunidades de emprego, exercendo trabalhos domésticos e braçais em países do Oriente Médio e do Ocidente.

No trecho “Foi esse tal pote de ouro, foi isso que nos arruinou, pois o mal tomou conta da nossa casa depois que ela partiu” (WIJENAIKE, 2015, p. 42), é lícito considerar como essa decisão traz sofrimento à sua filha que se sente vulnerável aos abusos sofridos.

No próximo capítulo, discutirei a violência na literatura, mostrando fragmentos do conto onde se percebe a violência de gênero e de raça.

3. A VIOLÊNCIA EM *ANOMA*

"A violência traduz os impulsos humanos que se conectam aos processos de transformação, transmissão cultural e organização societal", é o que evidenciam Eloísa Porto Allevato Braem e Paulo Cesar S. Oliveira no dossiê *Representações da violência na literatura* (2019; 2020 p.19). É notório destacar que um tema tão antigo e tão atual não poderia estar afastado do contexto de diversas produções literárias, como é analisado pelos escritores do texto.

¹⁶ OP. Cit.

Citando Sófocles, dramaturgo grego, um dos mais importantes escritores de tragédia, os autores apresentam como em sua obra ele discute além de atos concretos de violência física, como homicídio, automutilação, suicídio, também as de natureza moral como culpa e autopunição. Dentre os exemplos, os autores destacam que "Édipo rei talvez seja o mais importante modelo de reflexão acerca das formas de violência histórica, que abarcam ainda as modalidades psíquicas, familiares e filosóficas que ficcionalizam os atos de força". (p.20 e 21)

Em muitas sociedades se coloca o aspecto cultural como subterfúgio para prática da violência, culminando em contextos de desigualdade social que acabam por enraizar tais costumes de maneira que a violência passa a ser normalizada, em sua maioria validada pelo sujeito detentor do poder.

Josiane Rose Petry Veronese, em *Crianças e adolescentes vítimas: violência gerada por quem?* (1996 p.43) menciona que:

Esta violência que acontece no interior da família, no mais das vezes assinalada por um 'pacto de silêncio', se apresenta como uma das maiores responsáveis pela 'vitimização' da infância (em termos microcriminais). Estima-se que 70% dos casos de agressão contra as crianças e adolescentes ocorrem na entidade familiar.

De outra maneira, é comum que as sociedades ao longo do tempo camuflam e até mesmo normalizem tais práticas até que as mesmas se tornem estruturais, o que é um costume que precisa ser rejeitado, pois em sua maioria são representadas pelo preconceito, racismo, impunidade, negação de direitos básicos, como saúde e educação, violência contra pessoas vulneráveis, entre tantas outras.

Violentar já pressupõe o início de algum tipo de dor, seja ela física, moral ou emocional e é assim que Punyakante descreve esse processo de dor na personagem com clareza de detalhes, quando a menina relata: "Não consigo me livrar do cheiro de roupa suja à noite; de meu pai e minha. Não importa o quanto eu me banhe com baldes d'água, não consigo me livrar desse cheiro imundo." (WIJENAIKE, 2015, p. 42).

É de fundamental importância considerar o silêncio também como um tipo de violência, pois faz com que a pessoa silenciada sofra internamente sem ter perspectivas de resolução dos seus traumas e medos. Gayatri Chakravorty Spivak, crítica e teórica indiana, em seu artigo *Pode o subalterno falar?* é capaz de ampliar a ideia de calar o feminino quando diz:

Com respeito à ‘imagem’ da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação. A historiografia subalterna deve confrontar a impossibilidade de tais gestos. A restrita violência epistêmica do imperialismo nos dá uma alegoria imperfeita da violência geral que é a possibilidade de uma episteme. (2014, p.84 e 85)

No conto de Punyakante, objeto desse estudo, no fragmento “Anoma você me dá medo. É como se, de repente, você tivesse se revelado e começasse a desconfiar de mim” ou mesmo em “Está ferida e me acusa, faz perguntas, não é mais uma ouvinte silenciosa” (WIJENAIKE, 2015, p.42 e 43), tal confronto parece transtornar tanto a personagem que em meio aos seus diálogos com o feto, passa a amedrontar-se com a possibilidade deste responder aos seus pensamentos e começa a criar reações de defesa, quando desabafa: “Por que você não é apenas minha ouvinte?” O embrião acaba por dominar a racionalidade da menina que passa a culpá-lo por uma violência que foi, entretanto, uma relação de poder praticada pelo seu pai. Essa mesma menina, diante de tamanha violência, acaba assim sendo privada de continuar seus estudos e conseqüentemente de adquirir conhecimento a fim de desafiar tais conflitos.

4. CONCLUSÃO

Pensem nas mulheres afegãs que, após anos de conquistas, estão hoje sofrendo retaliações e retrocesso de direitos após a retomada política radical do grupo Talibã. Como se pode observar abaixo, após assumir o poder, começaram a circular na internet, diversas imagens de homens e mulheres separados por uma cortina para que pudessem retornar a frequentar as aulas nas universidades.

Figura 5 - Homens e mulheres separados em sala de aula no AfeganistãoCNN / Reprodução



17

Assim se pronunciou o novo chanceler nomeado pelo Talibã:

“Devido à escassez de professoras, estamos trabalhando em um plano para que os professores sejam capazes de ensinar as alunas por trás de uma cortina na sala de aula”, escreveu no *Twitter*. “Dessa forma, um ambiente islâmico seria criado para as alunas obterem educação.”¹⁸

Não distante, estão as babás no estado da Bahia, que denunciaram tortura psicológica, física e trabalho análogo à escravidão, após uma delas se jogar de um prédio para fugir das agressões causadas pela patroa, negra, a qual deveria desconstruir e abolir tais práticas, apesar disso, além da violência de raça, exercia a violência que se refere à desigualdade social. “As babás alegam que sofreram maus tratos, pois trabalharam por longos horários, cerca de 12 horas seguidas, sem registro na carteira de trabalho e nem pagamento de salário.”¹⁹

Não nos esqueçamos dos casos de feminicídios que se ampliam e, em sua maioria, porque as mulheres não se deixam mais submeter a qualquer tipo de relações

¹⁷ Retirado de <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mulheres-afegas-sao-proibidas-de-lecionar-ou-frequentar-a-universidade-de-cabul/>, com acesso em 24 de out. de 2021.

¹⁸ Referência igual à Nota 17.

¹⁹ Retirado de <https://istoe.com.br/cinco-pessoas-denuncia-patroa-depois-que-baba-pulou-do-3o-andar-para-fugir-dela/>, com acesso em 24 de out. de 2021.

abusivas e que mesmo diante de provas e flagrantes ainda se deparam com a impunidade por parte dos poderes judiciários.

Portanto, quando se traz a narrativa da violência na literatura, como analisado no conto *Anoma*, não parece legítimo desassociar as questões de violência de gênero. Histórias reais que se entrelaçam à ficção em uma temática na sua maioria sobre mulheres, muitas delas ainda em formação que encontram pela vida barreiras quanto à subsistência, ao direito à liberdade do próprio corpo, liberdade intelectual e de exercer papéis de destaque frente a sociedades que caminham a passos ainda muito lentos, dadas as devidas proporções estatísticas em todo mundo na igualdade de direitos entre os gêneros. Da mesma maneira é necessário mostrar o retrato de mulheres, tristemente subservientes e desvalorizadas, seja por baixa autoestima, por dependência financeira, porém tentando compreender o motivo de tanta desigualdade enquanto são submetidas aos mais diversos tipos de sofrimento.

Isso que nos leva a refletir o quão é necessário utilizar em produções literárias temas sobre os diversos tipos de violências que afetam diretamente o desenvolvimento e a vida das mulheres, de maneira a transmitir indignação, porém fornecendo um gatilho para abertura de consciência e denúncia social.

É de extrema relevância que se disseminem as pesquisas de escritoras e sobre escritas femininas, a fim de que haja mais representatividade para que as atuais e futuras gerações se percebam capazes de se desvencilhar da sujeição, independente das circunstâncias que encontrem pelo caminho.

5. REFERÊNCIAS

ABELLA, Beatriz Ramírez. Las afrodescendientes como sujetas de derechos. In: *Revista América Latina en Movimiento*, No. 501, 2015.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra; Holzhausen, Marlene. *Vozes da Memória*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 39-43.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, Ano 8, 1º Semestre 2000.

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRAEM, Eloisa P.C.A.; OLIVEIRA, Paulo Cesar S. Representações da violência na literatura: apontamentos para uma possível apresentação. *Pragmatizes - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 10, n.18, p.18-33, out. 2019 a março 2020.

CANDIDO, Antonio. Na sala de aula. São Paulo: Ática, 2008.

CASTELLANOS, Gabriela. *Género, Poder y Postmodernidad: hasta un feminismo de la solidaridad*. Cali-Colombia: Universidad del Valle, s/d

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORTÁZAR, Julio. Algunos aspectos del cuento. In: *Revista "Casa de las Américas"*, La Habana, nº 60, julio 1970.

CORTÁZAR, Julio. Del cuento breve y sus alrededores. In: *Teorias do Conto III. Poéticas de la brevedad*. México: UNAM, 1996, p.105-116.

CRENSHAW, Kimberlé W. Cartografiando los márgenes: Interseccionalidad, políticas identitarias y violencia contra las mujeres de color. *Stanford Law Review*. Traducido por: Raquel (Lucas) Platero y Javier Sáez, 1991.

CURIEL, Ochy. Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. In: *Revista Nomadas*. NO. 26. Universidad Central-Colombia, Abril, 2007, p.92-101.

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 1995.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1995.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo*. Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

JRP Veronese. Crianças e adolescentes vítimas: violência gerada por quem? *Revista Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos*, 1996 - periodicos.ufsc.br. p. 42-52.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento. São Paulo: 2016. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

LUGONES María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre 2008.

MARINUCCI, Roberto. *Feminização das migrações?* Rio de Janeiro: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 2007. 15 (29), 1-14. Disponível em: https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf. Acesso em 15 ago.2021.

MENDONÇA, António Sérgio Correia. *Distribuição do rendimento, pobreza e a eclosão de conflitos no contexto dos Países em Desenvolvimento: os casos do Sri Lanka e da R.D. Congo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento-Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSAS, Geraldine Marcelle Moreira Braga. *Diáspora e conflitos: um estudo de caso sobre os tâmeis do Sri Lanka*. Belo Horizonte, 2009. Disponível em http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac_RosasGM_2.pdf Acesso em 20 ago.2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 133p, 2010 [1985]. Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.

WIJENAIKE, Punyakante, *Why I Write*, Kunapipi, 16(1), 1994. Disponível em: <https://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=2238&context=kunapipi>. Acesso em 16 set. 2021.

WIJENAIKE, Punyakante. *Anoma*. Módulo da disciplina LET A90 – O Conto de Língua Inglesa. Moodle UFBA. 2014, p. 79-81.

WIJENAIKE, Punyakante. *Anoma*. The Sunday Times, 2011. Disponível em: https://www.sundaytimes.lk/110619/Plus/plus_14.html Acesso em 16 set.2021

OUTRAS REFERÊNCIAS

DILLEY, Annie. Disponível em: <https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=https://prezi.com/otgp8p9cvhxy/punyakante-wijenaike-anoma/&prev=search> Acesso em: 14 ago. 2021.

Sri Lankan Women Writers: Finding Space within political turmoil. Disponível em: http://epgp.inflibnet.ac.in/epgpdata/uploads/epgp_content/women_studies/gender_studi

[es/02.women_and_literature/20._sri_lankan_women_writers/et/8031_et_et_20.pdf](#)

Acesso em 16 set. 2021.

The South Asian Literary Recordings Projects. Disponível em:

<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt->

<BR&sl=en&u=https://www.loc.gov/acq/ovop/delhi/salrp/punyakantewijenaike.html&pr>

[ev=search](#) Acesso em: 14 ago. 2021.